



PÁGINAS ABERTAS

Ano 46 • nº 82 • Julho • 2026

Discernir para escolher:

a política como
vocação cristã.

Opinião:

Caridade e vocação
cristã num contexto de
extrema divisão política

Perfil:

Uma vida dedicada
a ensinar: conheça a história
de Vânia Stella Abrantes

Livro para ser livre:

Livros que iluminam
futuros na Amazônia



Há 95 anos,

a Palavra encontra
novos caminhos
para chegar até você.



Bem-Aventurado Padre Tiago Alberione



Da Bíblia que acompanha gerações aos livros que dialogam com o mundo de hoje, a **PAULUS nasceu com uma missão: comunicar a Boa-Nova por meio da informação, da educação e da evangelização.**

Os tempos mudaram. Novas formas de comunicar aproximaram pessoas, ideias e histórias. E a nossa essência segue a mesma: estar presente na vida das pessoas, dialogando com cada geração e levando esperança ao mundo de hoje.

Porque a Palavra que transforma continua viva em cada encontro.

Cinco frentes. **Um só propósito**



PAULUS Editora

Obras que unem espiritualidade, conhecimento, cultura e diálogo com o nosso tempo.



Centro PAULUS de Produção

Excelência gráfica e logística a serviço da cultura e da evangelização.



PAULUS Livraria

Espaços de encontro, acolhimento e partilha em todo o Brasil.



Faculdade PAULUS de Comunicação

Formando mentes críticas, humanas e preparadas para dialogar com o mundo contemporâneo.



PAULUS Social

Projetos que promovem dignidade, cuidado e transformação social.

PAULUS: 95 anos de cultura e fé em movimento no Brasil.



Comunicação
para um mundo melhor



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @ @ @ @editorapaulus

A Igreja, unidade e diversidade e a missão da PAULUS como editora católica

Por: Pe. Jakson F. de Alencar, ssp

Um dos desafios mais profundos enfrentados hoje pela Igreja Católica não é apenas externo, mas interno: a dificuldade de muitos fiéis em compreender que a Igreja é, por sua própria natureza, comunhão de diversidade. Em diferentes contextos, cresce uma mentalidade que tende a reduzir a Igreja a um grupo homogêneo, fechado, autorreferencial. Em outras palavras, a tratá-la como uma seita, e não como o Corpo vivo de Cristo, com grande diversidade de membros, dons, carismas, ministérios, diferentes vivências decorrentes da espiritualidade cristã, faces diversas, inserida nas mais diversas culturas do mundo e das gerações.

A lógica de seita é marcada por fronteiras rígidas, por uma única forma legítima de pensar, rezar e viver a fé, por desconfiança sistemática do diferente e por uma leitura empobrecida da Tradição. Nessa mentalidade, tudo o que não confirma a própria visão é visto como ameaça, relativismo ou traição. Trata-se de uma compreensão que confunde identidade com uniformidade e fidelidade com fechamento.

A eclesiologia católica, porém, segue outro caminho. Desde suas origens, a Igreja se entende como uma e diversa, como comunhão que integra povos, culturas, linguagens, sensibilidades espirituais, carismas e ministérios. O Novo Testamento já aborda essa pluralidade: comunidades diferentes, teologias em diálogo, práticas diversas, unidas não por um modelo único, mas pela fé comum em Cristo, pela escuta da Palavra e pela comunhão apostólica.

O Concílio Vaticano II reafirmou com força essa visão, ao apresentar a Igreja como Povo de Deus a caminho, enriquecido por múltiplos dons do Espírito. A unidade da Igreja não nasce da exclusão das diferenças, mas da fidelidade aos fundamentos que a sustentam: a Escritura, a Tradição viva, os sacramentos e a comunhão com o Magistério. Fora disso, a uniformização não produz unidade, mas empobrecimento.

Essa mentalidade sectária tem impacto direto também no campo da comunicação e da edição. Há quem espere que editoras católicas publiquem apenas conteúdos que reflitam uma única corrente, um único estilo espiritual, uma única leitura teológica ou pastoral. Deseja-se uma editora que funcione como caixa de ressonância de um grupo específico, e não como serviço à Igreja em sua totalidade. Trata-se de uma expectativa

incompatível com a missão eclesial da comunicação.

Uma editora verdadeiramente católica não é instrumento de uma seita interna, mas serviço à comunhão. Seu papel é ajudar a Igreja a pensar, dialogar, formar e discernir, oferecendo conteúdos sólidos, fiéis e plurais, capazes de atender diferentes públicos, vocações, idades e contextos culturais. Publicar para a diversidade não significa relativizar a fé, mas reconhecê-la como viva, encarnada e historicamente situada.

O fechamento sectário costuma nascer do medo: medo da complexidade, da diferença, da reflexão crítica, do diálogo. Mas a fé cristã não cresce no medo; cresce na confiança de que o Espírito Santo continua agindo na Igreja, inclusive por caminhos que não controlamos totalmente. Reduzir a Igreja a um grupo ideologicamente puro é negar sua catolicidade, isto é, sua vocação universal.

Em tempos de polarização, desinformação e discursos simplificados, torna-se ainda mais urgente reafirmar que a Igreja não é um espaço de unanimidade forçada, mas de comunhão responsável. E que suas editoras, seus meios de comunicação e seus projetos culturais devem refletir essa realidade: unidade sem rigidez, diversidade sem ruptura, fidelidade sem sectarismo. Somente assim a Igreja poderá continuar sendo sinal do Reino em um mundo plural, não como fortaleza fechada, mas como casa comum onde a verdade é buscada, comunicada e vivida em comunhão.

Um dos traços mais marcantes da PAULUS é a compreensão e responsabilidade de que dialoga com públicos diversos. A Editora participa da diversidade da Igreja e assume essa realidade como riqueza, não como problema. Por isso, seu catálogo não se dirige a um único perfil de leitor nem a um pensamento fechado, mas oferece obras que atendem desde o leitor iniciante até o estudioso; do agente de pastoral ao educador; da criança ao idoso; de quem busca alimentar sua devoção que recebeu do povo e da família, a quem procura se aprofundar na Teologia, na Filosofia, nas fontes Patrísticas, nas Ciências Humanas; dos fiéis praticantes aos que não frequentam a Igreja; das pessoas de fé aos agnósticos e ateus e assim com os diversos segmentos da Igreja e outros públicos que pudermos alcançar, falando de tudo cristãmente, como nos ensinou nosso fundador, o Bem-aventurado padre Tiago Alberione.

PÁGINAS ABERTAS

Ano 46 – nº 82 – 2026
Julho ISSN 1414-4638

Diretor geral
Padre Sílvio Ribas, ssp

Diretor editorial
Padre Jakson F. de Alencar, ssp

Diretor de Difusão
Padre Guilherme César da Silva, ssp

Jornalista responsável
Jenniffer Silva MTB 0093442/SP

Gerente de marketing
Fabio Assis Bee

Coordenador de marketing
Samuel Lima

Conselho editorial
Padre Guilherme César da Silva, ssp
Fabio Assis Bee
Samuel Lima
Jenniffer Silva

Produção
Departamento de marketing

Direção de arte
Thiago Borges

Diagramação
Thiago Borges

Reportagem
Jenniffer Silva

Edição de texto
Jenniffer Silva

Revisão
Érika Augusto

Colaboradores
Padre Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Frei Alexandre Carvalho, ssp
Maria Helena Marques
Mario Sergio Cortella
Cristiano Romero
Andrea Avelar
Francisco Borba Ribeiro Neto
Padre Jakson F. Alencar, ssp

Redação
Rua Francisco Cruz, 229 – 04117-091
São Paulo – Tel.: 11 5087-3634
paginasabertas@paulus.com.br

Atendimento ao Leitor
Tel.: (11) 3789-4000

A revista PÁGINAS ABERTAS é uma publicação da Pia Sociedade de São Paulo. Nenhum material dessa publicação pode ser reproduzido sem prévia autorização. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas desta obra e sua editoração. Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade de seus autores, não representando necessariamente a posição da revista.
paulus.com.br



06 Capa

Servir ao bem comum: a vocação política do cristão.

09 Opinião

Caridade e vocação cristã num contexto de extrema divisão política.

10 Entrevista

A era da desinformação: como as *fake news* moldam a opinião pública no Brasil.

12 Artigo

Política é coisa de idiota?

13 Artigo

O custo da polarização.

14 PAULUS Social

Compromisso com o desenvolvimento humano em todo Brasil.

18 Reportagem

A evangelização passa pelo *feed*: o fenômeno dos influenciadores católicos.

22 Artigo

Literatura e encantamentos.

23 Artigo

Educação: Um ato de amor que humaniza.

24 Livro para ser livre

Livros que iluminam futuros na Amazônia.

26 PAULUS pelo Brasil

PAULUS Livraria: espaço que semeia conhecimento e projeta o amanhã.

30 Perfil

Uma vida dedicada a ensinar.

34 Crônica

A vida é rio.

35 Eu li e recomendo

Anne Frank: A voz da memória.



Servir ao bem comum: a vocação política do cristão

Por: Jenniffer Silva

Política é um tema que interpela a consciência cristã? Se considerada em seu sentido primordial, como a atividade de governar, administrar e tomar decisões sobre assuntos públicos em vista da organização da vida em sociedade e da promoção do bem comum, a resposta é, sem dúvida, afirmativa. Nesse horizonte, a participação política deixa de ser um campo distante da fé e passa a integrar o exercício da cidadania responsável. Ao longo da história, a tradição cristã tem insistido na indissolubilidade entre fé e vida, o que inclui o compromisso com a justiça, a dignidade humana e a construção de uma sociedade mais fraterna.

Entretanto, em um contexto marcado por forte polarização e disputas acirradas, o debate público frequentemente se fragiliza, abrindo espaço para simplificações, discursos de ódio e desinformação. Diante desse cenário, cresce o desafio de discernir, à luz do Evangelho, caminhos que favoreçam o diálogo, a responsabilidade ética e o compromisso com o bem comum.

Mas, por que não acreditamos mais na política?

A percepção de que a política tem se distanciado de sua função essencial tem contribuído para o aumento do descrédito da população nas instituições públicas. A avaliação é reforçada por Alberto Carlos de Melo Almeida, cientista político, sociólogo e escritor. Ele afirma que a recorrência de escândalos de corrupção é um dos principais fatores desse cenário. Segundo análise do cientista político, episódios de corrupção deixaram de ser pontuais e passaram a ser percebidos como uma característica constante



da realidade política brasileira. Casos amplamente divulgados, como investigações de grande repercussão e denúncias envolvendo diferentes esferas de poder, contribuem para consolidar essa imagem negativa. Esse contexto, de acordo com Almeida, acaba produzindo um efeito contrário ao desejado em termos de formação política. Em vez de estimular o engajamento ético, reforça a ideia de que a política pode ser um espaço de benefício pessoal.

Para ele, esse cenário tem impacto direto na forma como a sociedade se relaciona com a vida pública. “O noticiário cotidiano acaba transmitindo a impressão de que a política é um espaço voltado a interesses particulares, e não ao cuidado com o país”, ponderou.

Para o especialista, o fortalecimento da democracia passa necessariamente pela retomada de uma participação cidadã mais constante e organizada.

“Uma atuação contínua da sociedade pode contribuir para reorientar a política em direção ao bem comum. O espaço do debate público reúne pessoas com diferentes visões de mundo, que se encontram para dialogar. Nesse processo, a participação religiosa, embora venha diminuindo em certa medida, historicamente desempenhou e ainda desempenha um papel importante na formação para a vida pública”, frisou.

Mais do que compromisso eleitoral, uma vocação

Compreender a política como caminho para a construção da fraternidade, da justiça social e da promoção da vida em plenitude exige, segundo José Mario Brasiliense Carneiro, mestre e doutor em Administração Pública e mestre em Teologia da Evangelização, o amadurecimento da consciência política de cada cidadão. Para ele, é fundamental reconhecer a importância do voto, sem reduzi-lo a uma obrigação desprovida de reflexão.

A participação na vida política, seja no município, no estado ou no país, deve

ser entendida como uma escolha livre e responsável. O especialista recorda o Compêndio da Doutrina Social da Igreja para reforçar essa perspectiva, destacando que a pessoa humana é o fundamento e o fim da convivência política. Dotada de racionalidade, é capaz de fazer escolhas e construir projetos que dão sentido à vida individual e coletiva. Nesse contexto, a vida social não é um elemento acessório, mas uma dimensão essencial da existência humana.

À luz da Doutrina Social da Igreja

A Doutrina Social da Igreja oferece um conjunto de critérios que devem ser considerados de forma integrada. Esses princípios encontram seu ponto de equilíbrio na centralidade da dignidade da pessoa humana.

Na tradição judaico-cristã, como recorda Carneiro, essa dignidade está enraizada no fato de todo ser humano ter sido criado à imagem e semelhança de Deus, que se fez homem na pessoa de Jesus Cristo. Essa compreensão orienta a busca pela promoção da dignidade em todas as suas dimensões.

Mesmo para aqueles que não professam a fé cristã, o reconhecimento da dignidade humana se sustenta na capacidade de cada pessoa agir com liberdade e responsabilidade, orien-

tando suas escolhas em direção ao bem, ao belo e à verdade.

“A caridade e o respeito ao próximo são fundamentais no ambiente político onde a divergência é absolutamente normal. O eleitor cristão deve buscar promover o diálogo com as pessoas de opinião diferente. O evangelho é exigente quando convida as pessoas a amar os próprios inimigos e adversários. Parece um paradoxo, mas o mandamento do amor é fundamental para boa política. Por isso a política é tida como uma expressão da caridade”, explicou.

Como escolher o seu candidato?

A escolha de candidatos deve ser orientada pela avaliação de seu compromisso com o bem comum, entendido como o conjunto de condições sociais que permitem a indivíduos e grupos alcançar de forma plena o próprio desenvolvimento, conforme definido na constituição pastoral do Concílio Vaticano II, promulgada em 1965, *Gaudium et Spes*.

Segundo Carneiro, o compromisso com o bem comum deve ser a motivação central de qualquer candidatura, independentemente de filiação partidária. Candidatos movidos por interesses estritamente privados tendem a comprometer a finalidade da



política e, por isso, devem ser avaliados com rigor pelos eleitores.

O bem comum, nesse contexto, se apresenta como princípio orientador das decisões políticas, tanto por parte dos cidadãos quanto das lideranças e agentes públicos.

Para além das urnas

A responsabilidade do eleitor cristão não se encerra no voto. Para Carneiro, é fundamental que os cidadãos assumam um papel ativo após o processo eleitoral, acompanhando e cobrando a atuação dos representantes eleitos. A formação de grupos engajados, capazes de promover o debate qualificado e o acompanhamento das políticas públicas, é apontada como um caminho importante. Esses espaços podem surgir em diferentes contextos, inclusive nas comunidades e paróquias, contribuindo para a construção de uma cultura política mais participativa.

Ao valorizar o diálogo, a liberdade de opinião e o respeito mútuo, o eleitor cristão pode colaborar para a promoção de debates centrados em propostas e soluções concretas.

Assim, conforme realçado por Carneiro, a participação política, iluminada pela fé, se consolida como um exercício contínuo de responsabilidade, discernimento e compromisso com a transformação da realidade social.



O que diz a Igreja sobre a política:



“Embora distintas, a política e a religião têm interesses comuns e compartilhados e, de diferentes maneiras, estamos todos conscientes do papel que devemos desempenhar para o bem comum. A Igreja deseja despertar as forças espirituais que tornam fecunda toda a vida social, e vocês podem contar com a ajuda dela”.

Papa Francisco



“A política é um âmbito muito importante do exercício da caridade. [...] Precisamos de políticos autenticamente cristãos, mas acima de tudo de fiéis leigos que sejam testemunhas de Cristo e do Evangelho na comunidade civil e política”.

Papa Bento XVI



“Quando se exige ‘mais democracia e melhor democracia’, tal demanda não pode ter outro significado do que colocar os cidadãos cada vez mais em posição de ter sua própria opinião pessoal e de expressá-la e aplicá-la de uma forma que seja conveniente para o bem comum”.

Papa Pio XII



“A mensagem cristã foi decisiva para fazer a humanidade compreender que os povos tendem a unirem-se não apenas em razão das formas de organização, de vicissitudes políticas, de projetos econômicos ou em nome de uma internacionalismo abstrato e ideológico, mas porque livremente se orientam em direção a cooperação, cónscios de serem membros vivos de uma comunidade mundial, que se deve propor sempre mais e sempre melhor como figura concreta da unidade querida pelo Criador: A unidade universal do convívio humano é um fato perene. É que o convívio humano tem por membros seres humanos que são todos iguais por dignidade natural. Por conseguinte, é também perene a exigência natural de realização, em grau suficiente, do bem comum universal, isto é, do bem comum de toda a família humana”.

Compêndio da Doutrina Social da Igreja, parágrafo 432.

Caridade e vocação cristã num contexto de extrema divisão política

Francisco Borba Ribeiro Neto



É bem sabido que a Igreja sempre exortou os católicos leigos a uma intensa e comprometida participação política – ainda que alertando que ninguém pode querer impor uma opção partidária em nome da fé em Cristo. A ótica cristã transcende a visão da política como luta pelo poder para vê-la como exercício da caridade na busca pelo bem comum (cf *Gaudium et Spes*, n. 74). *Dilexi te*, a exortação apostólica de Leão XIV, fala justamente de como o amor aos pobres integra obrigatoriamente nosso ser cristão – e, portanto, nosso modo de ver a política.

Infelizmente, a corrupção, os interesses escusos, a militância aguerrida e uma certa profissionalização deslocada frequentemente nos afastam da necessária participação cidadã. O acirramento da polarização, que tem gerado divisões até no seio das famílias e das comunidades, aprofundou ainda mais esse afastamento em relação à vida pública.

As graves falhas da política não podem ser resolvidas com a antipolítica, com o indiferentismo ou com a omissão. Só podem ser superadas com uma “política melhor”, como dizia Papa Francisco (cf. *Fratelli tutti*, 154ss). Talvez nosso maior desconforto venha do fato de que a política que vivemos hoje é a que, no passado, nós mesmos e nossos antepassados construímos – e

a que estamos construindo hoje é a que nós e nossos descendentes irão vivenciar. O progresso histórico não é obrigatório, nem se manifesta igualmente em todos os aspectos da vida, mas quando comparamos nossa situação atual com a de décadas atrás, vemos que muitas coisas mudaram para melhor. Até os escândalos que tanto nos incomodam revelam que a sociedade está tomando consciência de malfeitos que já existiam ontem sem que ninguém se desse conta...

“
*As graves falhas
da política não
podem ser resolvidas
com a antipolítica,
com o indiferentismo
ou com a omissão.*”

Nas últimas eleições presidenciais, um grupo de estudantes católicos se propôs a um debate diferente: cada um buscava o positivo no candidato em que não votaria e, a partir daí, dialogariam para entender a posição uns dos outros. Não concluíram por um ou outro candidato, mas pela constatação de que os adultos haviam perdido a esperança na política – e que a missão deles, como jovens católicos, era reen-

contrar e repropor essa esperança.

Após o Jubileu da Esperança, que tivemos no último ano, a conclusão desses jovens diz muito a nós, cristãos: onde perdemos nossa esperança? O que pode nos devolver um ideal e uma “esperança que não decepciona” e que chegue até o compromisso político?

A esperança política não está num líder, num partido ou num programa. Está numa realidade que, mesmo embrionária, nos revela a possibilidade de futuro melhor e uma alegria que não nasce do êxito político, mas do encontro com o outro, da descoberta de que o amor não se reduz ao âmbito individual ou familiar, mas se torna caridade que alcança a todos e ilumina cada espaço do real, por mais obscuro que pareça. As obras sociais, entendidas não como mera filantropia, e o engajamento político, se nascido do amor ao outro e não do projeto de poder, podem ir moldando a sociedade a partir do amor social, apontando para o desenvolvimento humano integral. Podem ser esses lugares de esperança que nos orientam rumo a uma política melhor.

Francisco Borba Ribeiro Neto é Sociólogo, dedica-se ao estudo da Doutrina Social da Igreja e das relações entre religião, cultura e política. Foi coordenador do Núcleo Fé e Cultura da PUC-SP e é colaborador frequente em jornais, revistas e programas de televisão.

A ERA DA DESINFORMAÇÃO:

COMO AS *FAKE NEWS* MOLDAM A OPINIÃO PÚBLICA NO BRASIL

Por: Jenniffer Silva

O professor de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Luciano Victor Barros Maluly, analisa como a disseminação de notícias falsas tem impactado a formação da opinião pública e influenciado a percepção da política nacional.



**Luciano Victor
Barros Maluly**

professor de Jornalismo da
Escola de Comunicações e Artes
da Universidade de São Paulo



PA: Na sua avaliação, o que explica o crescimento acelerado da desinformação no cenário político nos últimos anos? Quais características desse momento favorecem a circulação de conteúdos enganosos?

LUCIANO: O crescimento da desinformação ocorre em decorrência da multiplicação das plataformas digitais que, em busca de novos clientes, criaram canais de comunicação voltados à interatividade, como as mídias sociais. Todavia, a estratégia também era criar espaços para a propaganda e a publicidade conquistarem novos consumidores, seja para fins comerciais ou políticos. A notícia (e, por conseguinte, o jornalismo) também pode ser considerada “um produto à venda”, parafraseando a professora Cremilda Celeste de Araújo Medina. A política é um produto enlatado, e não é de hoje. Há produtos de boa e péssima qualidade, como os candidatos e gestores públicos com os quais estamos acostumados a conviver. Sendo assim, essas são as características que favorecem a circulação de conteúdos enganosos.

PA: De que forma a desinformação impacta diretamente a formação da opinião pública e o processo democrático? Existe um perfil mais vulnerável à desinformação ou todos estamos igualmente expostos? Por quê?

LUCIANO: A desinformação leva ao caos, como observamos nos últimos oito anos no Brasil, com a opinião pública sendo induzida a “matar” o processo democrático. A liberdade de expressão está sendo confundida com ações que levam à violência. E o pior é que os argumentos ainda estão sendo relacionados a valores que, em tese, mitificam a ideia tradicional de defesa da família e da propriedade. Por exemplo, há uma guerra declarada entre um grupo que defende a ideia de propriedade privada e outro que tenta implantar um Estado de bem-estar social. Contudo, se pensarmos no processo de comunicação, essas “teses” caminham juntas, e não separadas. Observe que discussões políticas na mídia ou em um botequim são desgastantes e sem fim, porque cada um já está com a opinião formada. Sendo assim, todos estamos expostos à desinformação, já que essas “teses” são copiadas de doutrinas político-econômicas

como o (neo)liberalismo, o socialismo, a social-democracia, entre outras. E o resultado, até hoje, é limitado e pouco agradável.

PA: Quais atitudes práticas podem ser adotadas no dia a dia para evitar cair em fake news? Quais são as principais estratégias utilizadas na produção de notícias falsas que o eleitor precisa aprender a reconhecer?

LUCIANO: Vamos pensar no processo de comunicação, na relação entre emissores e receptores, se é que essa estrutura ainda existe. Para isso, precisamos adaptar as ideias de Marshall McLuhan sobre o meio e a mensagem para este momento político no Brasil. Ou seja, as atitudes que devem ser adotadas pelo consumidor são as mesmas a serem seguidas pelos comunicadores. Quando organizamos a campanha ECA contra as *fake news* na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, logo no início desta década, recolhemos respostas de diversos especialistas sobre como combater esse mal que assola a nossa sociedade. As respostas levavam ao mesmo caminho: checar as fontes de origem da informação; não compartilhar informações duvidosas, entre outras práticas. Para detectar notícias falsas, é necessário reconhecer a credibilidade da fonte e não cair em armadilhas, como promessas ou atitudes que são apresentadas somente em períodos de eleições, especialmente por candidatos que já exercem cargos e fazem de tudo para “mostrar serviço” em momentos próximos ao pleito eleitoral. Além disso, evite “criticar o que não sabe”, como observamos na disputa regional que dividiu o Brasil nas eleições entre Dilma Rousseff e Aécio Neves. Aquela tese de divisão política entre o Sul e o Norte foi um absurdo que teve consequências drásticas, que ainda afetam os eleitores e precisam ser superadas.

PA: Qual é o papel do jornalismo profissional no combate à desinformação e como ele pode recuperar a confiança do público?

LUCIANO: O jornalismo integra o processo democrático e existe independentemente do meio de comunicação. A desconfiança do público não está no jornalismo, mas nas empresas jornalísticas, o que é um fato que preocupa os

estudiosos da comunicação. Professores e pesquisadores estão aplicando novas formas de formação para preparar os novos comunicadores, especialmente os jornalistas. A intenção é diminuir e, se tudo der certo, “eliminar” as notícias falsas por meio de ferramentas de checagem, seja pela tecnologia ou pelo aperfeiçoamento das técnicas de apuração e produção de notícias. Os profissionais de comunicação estão sendo preparados para produzir matérias informativas e opinativas em diversos formatos, com credibilidade, justamente para manter (e não recuperar) a confiança do público. Esse compromisso é com o ofício da profissão, que somente será mantido por meio da ética profissional e, consequentemente, da dignidade das empresas de comunicação.

PA: Para além da checagem de fatos, que tipo de educação midiática é essencial para formar eleitores mais críticos e conscientes?

LUCIANO: A cidadania, a ética e o interesse público são pilares do jornalismo que precisam ser repassados às pessoas desde a infância até a velhice. O professor Jorge Kanehide Ijuim, da Universidade Federal de Santa Catarina, já apresentou uma ideia no livro *Jornal escola e vivências humanas: um roteiro de viagens* (EDUSC, 2005) sobre outras formas de informação e comunicação. Em resumo, o jornalismo precisa estar nas escolas, nas igrejas, nos hospitais e em espaços coletivos, públicos e privados. Por meio de relatos (noticiosos ou análises), será possível combater a desinformação e, assim, formar pessoas (eleitores) críticos e conscientes. É fácil criticar uma ação social de cima do pedestal, mas a realidade é feita por pessoas. A distribuição de renda é um desafio para os candidatos, mas é uma pauta que não está sendo discutida nesta eleição e raramente foi observada em outras. A educação midiática proporcionará elevar essa pauta, assim como outras, como educação, saúde, emprego e segurança, à condição de obrigatória no cenário político construído pelas mídias. Somente assim, a população assumirá um discurso que, atualmente, está nas mãos de investidores internos e externos que dominam o nosso país. Muitos deles já conhecemos com o rótulo de imperialistas, mas a maioria permanece desconhecida.

Política é coisa de idiota?



“Política é coisa de idiota!”. Mas pode não ser! Essa sentença aparece em comentários indignados, cada vez mais frequentes no Brasil, e, em nome da verdade histórica, o que podemos constatar é que acabou se invertendo o conceito original de idiota, pois a expressão *idiôtes*, em grego, significava aquele que só vive a vida privada, que recusa a política, que diz não à política. Em outros termos, os gregos antigo chamavam de idiota a pessoa que achava que a regra da vida é “cada um por si e Deus por todos”.

Os mesmos gregos davam um nome apropriado a quem cuidasse também da vida pública, da comunidade, e que acreditasse que a mais nobre regra é “um por todos e todos por um”: este era chamado de político. E se entendia que todos e todas éramos e deveríamos ser políticos, a partir da noção de que *pólis* é a comunidade, a cidade, a sociedade, e é nela, com ela e por ela que vivemos.

No cotidiano, o que se fez foi um *sequestro semântico*, uma inversão do que seria o sentido original de idiota, a ponto de muitas e muitos hoje pensarem que só deixa de ser idiota aquele que vive fechado dentro de si e só se interessa pela vida no âmbito pessoal. Sua expressão generalizada é: “Não me meto em política”.

Recusemos tal percepção negativa da política, pois afeta a convivência decente e saudável e, antes de mais nada, esquece que “os ausentes nunca tem razão”. De fato, muitos se sentem assim em relação a um determinado modo de fazer política, mas não corresponde à ideia mais abrangente de política, dado que ausentar-se em nome da liberdade e do interesse próprio esbarra novamente no mundo clássico, para o qual o idiota não é livre (porque toma conta só do próprio nariz), pois entendiam que só é livre aquele que se envolve na vida pública, na vida coletiva.

Assim, a política é vista aí como convivência coletiva, mesmo que moremos cada um em nossa própria, usando o latim, *domus*, ou seja, em casa, nosso domínio. Porém, na prática, porque vivemos juntos e só assim o conseguimos, a questão é que não temos *domus*, só temos *con*-domínios. Viver é conviver, seja na cidade, ainda que em casa ou prédio, seja no país, seja no planeta.

A vida humana é *condomínio*. E só existe política como capacidade de convivência exatamente em razão do condomínio.



Mario Sergio Cortella

é filósofo, professor-titular aposentado da PUC-SP, escreveu com Renato Janine Ribeiro (USP) o livro *Política: para não ser idiota* (Papirus, 2010)



O CUSTO DA POLARIZAÇÃO

Por: Cristiano Romero

A democracia brasileira atravessa um processo de calcificação que ameaça transformar o debate público em um deserto de ideias. O que assistimos hoje não é apenas o choque legítimo de visões de mundo, mas uma mutação perversa: a transição de uma polarização programática — aquela que, entre 1994 e 2010, permitiu ao país avançar sob as siglas de PSDB e PT — para uma “polarização afetiva”, onde o adversário não é alguém a ser convencido, mas um inimigo a ser extirpado.

As raízes dessa paralisia são profundas e remontam à nossa transição democrática “lenta, gradual e segura”. Ao contrário de vizinhos como Argentina e Chile, o Brasil optou por um pacto de silêncio sobre as violações do passado. Essa ausência de memória institucionalizada fragilizou o apego às normas durante a redemocratização. Quando o sistema político-partidário tradicional ruiu, sob o impacto das jornadas de 2013 e da Operação Lava-Jato, o vácuo foi preenchido por um ecossistema de pós-verdade que se alimenta do ressentimento.

O custo econômico dessa radicalização é tangível. Em um ambiente de “campanha permanente”, a racionalidade técnica foi sequestrada pelo grito das redes sociais. O episódio recente da Receita Federal com o sistema PIX é emblemático: uma atualização normativa contra fraudes

financeiras foi convertida, em questão de horas, em pânico generalizado sobre taxas inexistentes. O resultado foi o recuo do governo e a paralisia regulatória. Quando a desinformação pauta a política fiscal, o Estado perde a capacidade de gerir o futuro.

A tragédia brasileira é que esse esgarçamento do tecido social atinge os mais vulneráveis. Enquanto grupos radicalizados utilizam a liberdade de expressão como escudo para validar o preconceito, as chagas históricas do racismo estrutural e da desigualdade permanecem abertas. Até as redes de proteção social, como o Bolsa Família, tornaram-se alvos de sabotagem informativa.

Sem o restabelecimento de um solo factual comum e o resgate da confiança nas instituições, o Brasil continuará a ser uma nação que, em vez de enfrentar seus problemas complexos, vai se consumir nas labaredas de suas próprias divisões. A pacificação não é apenas um desejo cívico; é uma urgência de sobrevivência.



Cristiano Romero

Jornalista e diretor-adjunto de Redação no Valor Econômico. Em 2008, recebeu o “Citigroup Journalistic Excellence Award”, da Columbia University.

PAULUS SOCIAL:

Compromisso com o
desenvolvimento humano
em todo o Brasil



Confira algumas das atividades realizadas pela PAULUS Social no primeiro semestre de 2026

Por: Redação, com informações da Comunicação PAULUS Social

FORMAÇÃO SOBRE COMUNICAÇÃO ESTRATÉGICA NO SUAS

Em fevereiro, a Faculdade PAULUS de Comunicação (FAP-COM) recebeu profissionais da Assistência Social da capital e da região metropolitana de São Paulo para a formação “Comunicação estratégica no âmbito do Sistema Único de Assistência Social (SUAS)”, realizada no contexto do Programa InovaSUAS.

A atividade reuniu trabalhadores de organizações da sociedade civil que atuam na Política Pública de Assistência Social, com o objetivo de refletir sobre o papel da comunicação como ferramenta estratégica para o fortalecimento das ações desenvolvidas nos territórios e para a promoção de direitos.

Conduzida pela jornalista e pesquisadora Daniele Próspero, a formação abordou temas centrais do cenário contemporâneo, como o enfrentamento à desinformação, a construção de narrativas engajadoras, o planejamento estratégico e o uso de diferentes linguagens e formatos comunicativos.

Ao longo dos encontros, os participantes discutiram a comunicação como direito humano e como elemento essencial para qualificar a atuação das organizações. A programação integrou momentos de reflexão teórica e atividades práticas, estimulando a elaboração de conteúdos e estratégias alinhados às realidades locais.



INTERCÂMBIO QUILOMBOLA REÚNE COMUNIDADES DO RIO GRANDE DO SUL

A PAULUS Social participou do 1º Intercâmbio Quilombola entre as comunidades Vila do Sabugueiro, em General Câmara, e São Roque, em Arroio do Meio, no Rio Grande do Sul. Realizado em 31 de janeiro, o encontro reuniu moradores, lideranças e parceiros em um espaço de diálogo, troca de experiências e valorização de saberes ancestrais. A atividade ocorreu no Centro de Tradições Gaúchas, no distrito de Santo Amaro, em General Câmara.

Vinculada ao Programa InovaSUAS, a iniciativa teve como foco o fortalecimento da identidade quilombola, a integração entre territórios e o compartilhamento de vivências relacionadas à vida no campo, à produção sustentável e à preservação da memória coletiva. A ação reforça a importância da articulação entre comunidades na busca por direitos, reconhecimento e visibilidade social.

O intercâmbio foi viabilizado por meio de parceria com a ASCAR/EMATER, instituição com atuação histórica no

desenvolvimento social e rural no Estado. Após a tragédia climática de 2024, as organizações passaram a atuar de forma conjunta na defesa e garantia de direitos das comunidades quilombolas atingidas.

Durante a programação, Wagner Santana mediu um debate sobre o Programa Aquilomba Brasil, iniciativa do Governo Federal voltada à garantia de direitos, como a titulação de terras, o acesso a políticas públicas e a valorização cultural desses territórios. Assistente Social e historiador, Santana é mestre em Serviço Social pela PUC-SP e doutorando na mesma instituição, com 25 anos de experiência em atuação multidisciplinar no campo social e educacional.

A realização do intercâmbio representa um avanço no fortalecimento das redes de apoio entre comunidades quilombolas e reafirma o compromisso da PAULUS Social com o assessoramento, a defesa e a garantia de direitos.

“

A ação reforça a importância da articulação entre comunidades na busca por direitos, reconhecimento e visibilidade social.

”



O Programa **InovaSUAS** promove a qualificação de trabalhadores do SUAS, conselheiros, gestores, usuários e lideranças da rede socioassistencial, com formações de até 360 horas. A iniciativa busca aprimorar práticas de gestão, procedimentos e acesso a direitos, além de desenvolver estudos e disseminar conteúdos voltados ao campo da Assistência Social.



KIT DO PROGRAMA DIREITO E CIDADANIA PASSA A CONTAR COM **AUDIOLIVRO**



A partir de março, a PAULUS Social passou a disponibilizar o Kit 2026 do Programa Direito e Cidadania em formato de audiolivro, ampliando o acesso ao conteúdo e fortalecendo ações de inclusão e acessibilidade. A iniciativa é inédita no programa e busca garantir que um maior número de pessoas possa utilizar o material.

O kit reúne os títulos “Sentindo as Palavras”, “Apoio”, “O Clube da Varanda Amarela”, “O Coração Dourado” e “Meus contatos”, agora também acessíveis por meio da escuta. A adaptação contribui para uma experiência mais democrática e reforça o compromisso institucional com a equidade no acesso à informação.

A iniciativa beneficia especialmente pessoas cegas, com dificuldades de leitura ou outras limitações que impactam o acesso ao conteúdo escrito. A ação valoriza a diversidade e reconhece o direito universal à leitura e à literatura.

O Programa Direito e Cidadania qualifica orientadores e educadores sociais de Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos do SUAS em todo o país. As formações são baseadas em diagnósticos territoriais realizados em parceria com conselhos, secretarias de assistência social e organizações sociais, tendo como suporte o kit de livros desenvolvido pela PAULUS.



Inclusão e acessibilidade

O audiolivro amplia o acesso à leitura e fortalece o direito à informação.



CENTRO PAULUS DE CONVIVÊNCIA EM COTIA INAUGURA SALA DE INFORMÁTICA

O Centro PAULUS de Convivência, em Cotia, inaugurou, em 3 de março, uma sala de informática voltada à ampliação do acesso à tecnologia. O espaço foi estruturado para promover inclusão digital, aprendizado e novas oportunidades aos atendidos.

Os computadores passaram a integrar as atividades do centro, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades e para o fortalecimento da autonomia dos participantes. Desde a inauguração, o uso do espaço tem sido marcado pelo interesse e pela participação ativa dos atendidos.

A iniciativa também trouxe novos desafios à equipe, que vem se aprimorando para incorporar a tecnologia às práticas socioeducativas. As demandas apresentadas pelos participantes têm orientado o planejamento das atividades, tornando a experiência mais dinâmica e conectada às necessidades do grupo.

O projeto busca fortalecer o protagonismo de crianças, adolescentes e pessoas idosas, ampliando repertórios e possibilitando o acesso a direitos e serviços. A inclusão digital, nesse contexto, contribui para ampliar as oportunidades de convivência e participação social.



SEMINÁRIO DA PAULUS SOCIAL DEBATE EDUCAÇÃO PERMANENTE NO SUAS



No dia 11 de maio, a PAULUS Social promoveu o primeiro seminário de 2026 sobre Educação Permanente no Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Com o tema Instrumentalização de Gestores para a Efetiva Implementação, o encontro reuniu cerca de 200 participantes na FAPCOM, localizada no bairro da Vila Mariana, em São Paulo.

A programação contou com a participação de especialistas na temática e representantes de instituições como o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, o Espaço Público do Aprender Social e os Conselhos Municipais de Assistência Social de São Paulo e da Secretaria Municipal de Promoção Social, Combate à Pobreza, Esportes e Lazer de Salvador (BA).

Mediador do seminário, o gerente da PAULUS Social, Alessandro Tiezzi, destacou a importância de promover debates voltados à implementação da Educação Permanente no SUAS. Segundo ele, “ao reunir especialistas em Educação Permanente e trabalhadores do Sistema Único de Assistência Social, dialogamos sobre um tema fundamental para que esse processo aconteça de forma qualificada nos serviços do SUAS em todo o país”.

A EVANGELIZAÇÃO PASSA PELO *feed:*

*O fenômeno dos
influenciadores católicos*

Um jovem, tomado pelo desespero, cogitava tirar a própria vida. Sozinho diante da própria dor, percorreu as redes sociais sem imaginar que, em poucos instantes, o algoritmo o conduziria a uma transmissão ao vivo em que um casal rezava. As palavras pronunciadas naquela oração atravessaram a tela e interromperam o ciclo de pensamentos que o consumia. Ali, encontrou o amparo e a esperança necessários para decidir continuar.

O relato é de um dos mais de um milhão de seguidores da influenciadora Amanda Buttchevits. Ele compartilhou a experiência como testemunho de que a evangelização nas redes sociais pode levar a Boa Nova para além das fronteiras físicas e alcançar pessoas em diferentes realidades.





Amanda Buttchevits

Influenciadora católica

O sim definitivo

À reportagem, Amanda recordou que sua conversão não ocorreu de forma repentina, mas como resposta progressiva a um chamado constante ao longo da vida. Criada em ambiente cristão, passou por momentos em que a fé exigiu decisões pessoais e concretas.

Foi em períodos de sofrimento e de deserto que, segundo relatou, ela compreendeu a permanência de Deus mesmo diante das incertezas:

“

Foi assim que entendi que a fé não é ausência de sofrimento, mas presença de Deus, mesmo quando não entendemos o que acontece. Essa retomada mais consciente da vida cristã transformou minha forma de viver, de olhar a família, a maternidade, o matrimônio e a missão que o Pai me confiou.”

Uma fé possível

Quando atuava como catequista, Amanda propunha às crianças pequenos desafios para viver o Evangelho no cotidiano. Com o tempo, os pais perceberam os frutos dessas iniciativas e sugeriram que ela compartilhasse as propostas nas redes sociais, para que outras famílias também pudessem adotá-las.

Assim começou sua presença digital, inicialmente entendida como extensão da catequese.

Os conteúdos publicados retratam, como ela explicou, a maneira que sua família procura viver a fé, buscando fidelidade ao Evangelho. Ela ressalta que não apresenta uma espiritualidade abstrata, mas uma experiência concreta, marcada por desafios, quedas e recomeços.

“Minha história me ensinou que muitas pessoas estão feridas, cansadas e em busca de sentido. Por isso, meus conteúdos procuram acolher, orientar e lembrar que Deus continua agindo, mesmo quando a pessoa se sente fraca ou distante. Eu não anuncio um ideal inalcançável, mas um caminho possível com Deus”, destacou.

Lançar as redes

Com um público jovem cativo, Amanda observa que muitos relatam surpresa ao encontrar uma abordagem com a qual se identificam: “Muitos dizem que nunca tinham ouvido falar de fé com proximidade, sem julgamento, mas com firmeza. O testemunho autêntico quebra preconceitos e abre espaço para perguntas profundas que eles já carregavam no coração”, ressaltou.

Segundo a influenciadora, o maior desafio de compartilhar a fé nas redes sociais é de manter fidelidade ao Evangelho “sem diluir a verdade para agradar”.

“Vivemos em um ambiente marcado por opiniões rápidas, julgamentos e polarizações. Falar de fé exige coragem, discernimento e oração. Outro desafio é comunicar com clareza, sem moralismo, mas também sem relativismo. É preciso amar as pessoas como elas estão, sem deixar de apontar o caminho de Cristo”.

Aos jovens, procura transmitir que a inquietação interior pode ser sinal de busca: “Esse vazio, essa pergunta que insiste, esse desejo por algo

maior não é ausência de sentido, é sede de Deus. O mundo oferece muitas distrações, mas poucas respostas consistentes. Só Cristo é capaz de dar sentido à dor, às escolhas, às quedas e também aos recomeços”.

Para exemplificar essa inspiração, Amanda recordou uma frase de São Carlo Acutis: “A Eucaristia é a minha autoestrada para o Céu”.

“Essa frase mostra que a fé não está distante da juventude, mas pode ser caminho seguro para uma vida com propósito. Dê um passo adiante. Reze, busque a Igreja, aproxime-se dos sacramentos e permita que Deus entre na sua história. Ele não vem para limitar, mas para curar, libertar e revelar quem você realmente é”, expressou.



Do cantinho da igreja para o feed

De família católica, Matheus Pinheiro contou que sempre acompanhou os pais nas atividades paroquiais. Foi aos 14 anos, ao participar de um grupo de oração para jovens, que afirma ter vivido o primeiro encontro pessoal com Jesus. A partir dali, segundo ele, sua trajetória de fé ganhou novo significado, assumindo serviços e ministérios até chegar à comunidade Colo de Deus.

Para ele, a proximidade com a própria história é o que gera identificação. Com mais de 7 milhões de seguidores nas redes sociais, Matheus produz conteúdos que dialogam com as inquietações que ele mesmo já teve: “Eu sempre me coloco no lugar de quem assiste, porque eu já fui alguém que assistiu”, explicou.

Para todas as idades

Matheus observa que o interesse pelos conteúdos não se restringe aos jovens, mas também alcança adultos impactados pelas publicações, pois, já não é mais possível não ter a preocupação de ocupar esses espaços: “Quando olhamos para as redes sociais, percebemos o impacto da internet na sociedade. É preciso utilizá-la como ferramenta de evangelização, inclusive pelas lideranças das comunidades”.



Matheus Pinheiro

Influenciador católico

“

Se eu pudesse deixar um recado, diria que todos precisamos ser influência para alguém. Somos influenciados e influenciados o tempo todo. Se queremos alcançar a juventude, precisamos assumir o lugar que já é nosso. A influência já existe; cabe a nós utilizá-la com responsabilidade.

”

*muito
massa!*



**Padre Josileudo
Queiroz**

Mais de 2 milhões de ovelhas



De Fortaleza (CE), o padre Josileudo Queiroz escolheu usar a própria voz para esclarecer toda e qualquer dúvida sobre a fé católica. Com profunda experiência na catequese, desenvolve um apostolado digital marcado pela simplicidade: fala a língua do povo e cria conexões que vão além das telas.

Em suas redes sociais, o sacerdote demonstra a alegria de viver o ministério, buscando sempre ser fiel ao Senhor e ao chamado de fazer com que a Palavra de Deus, anunciada com amor, acolhida e respeito, chegue a cada vez mais pessoas. A decisão de marcar presença nas redes, especialmente no Instagram e no TikTok, surgiu, a princípio, do desejo de estar mais próximo de seus paroquianos. No entanto, seu alcance ultrapassou as fronteiras regionais e hoje atinge mais de 2 milhões de pessoas.

Um bordão inconfundível

O diálogo entre o padre e seus seguidores é, como ele costuma dizer, “muito massa”. A expressão, repetida com espontaneidade, acolhe as perguntas que chegam e destaca as riquezas da Igreja. Simples, mas cheia de significado, a frase tornou-se um elo entre ele e seus seguidores, que já não permitem que as dúvidas os afastem da fé. Ao contrário, encontraram ali uma forma acessível e descomplicada de se aprofundar na doutrina. Padre Josileudo afirma que o desejo de ser instrumento de evangelização e, sobretudo, influenciar cada vez mais pessoas a encontrar o amor de Jesus por meio da Palavra de Deus e da Igreja Católica, é o que lhe faz perseverar nessa missão digital.



Grandes temas da sociedade também passam pelo PAULUSCast.

Fé, comportamento, cultura, saúde emocional, educação e os desafios do nosso tempo em conversas acessíveis, profundas e atuais.

No **PAULUSCast**, especialistas, autores, religiosos e convidados compartilham experiências e perspectivas para **compreender melhor o mundo e a nós mesmos**.



ACOMPANHE NOSSOS EPISÓDIOS NAS PLATAFORMAS:



Literatura

e encantamentos

Por: Frei Alexandre Carvalho, ssp

A literatura dialoga diretamente com a vida. Essa afirmação pode parecer exagerada, mas é verdadeira. O texto literário emerge de uma realidade concreta e, quando publicado, ou seja, entra em circulação, volta para uma realidade igualmente concreta. Quando uma obra literária é lida, se estabelece uma conexão entre autor e leitor tendo precisamente o texto como elo que provoca desinstalação, inconformismo, incômodo, indignação, cumplicidade, repulsa, horror...

A narrativa literária, assim como toda arte, prima pela dimensão estética. Podemos afirmar que como expressão artística um romance, por exemplo, é proposto para tocar, em primeiro lugar, a sensibilidade de quem o toma nas mãos. A escolha vocabular, a ordem das frases, a divisão ou não em capítulos são escolhas conscientes e não fruto do acaso. Tais escolhas são carregadas de intencionalidade que podem ou não ser percebidas e compreendidas com clareza.

Além da dimensão estética subjetiva – apresentada pelo autor –, o texto literário é atravessado pelas marcas no tempo e do local em que foi produzido. Mesmo que um tal texto seja considerado de ruptura, é possível reconhecer na estética da quebra o que se considerou ultrapassado de alguma maneira. Com isso, uma obra literária não é, de forma alguma, neutra. Nesse momento – nem nesse texto –, trataremos sobre a qualidade suposta de uma obra literária.

Porque traz marcas estéticas, é próprio da obra literária, digamos dessa forma, falar ao coração. O tempo da narra-

tiva, seja ele cronológico ou psicológico, situa o leitor no passado, presente ou futuro de forma precisa; o espaço, descrito de forma detalhada ou apresentado sutilmente, se agiganta e se impõe como local real (ainda que ficcional); o enredo, ou seja, a trama que é desenvolvida pode ser eletrizante ou lenta, pois serve a um fim: dizer de fatos que se somam.

As personagens são amadas ou odiadas, desprezadas ou tomadas como objeto de penalização: protagonistas e antagonistas, mocinhos e vilões. Quais as motivações movem uma ou outra personagem? São honestas, trapaceiras, sensíveis, traumatizadas? As personagens tidas como secundárias são igualmente importantes para o desenvolvimento da trama; elas, porém, carecem de profundidade e consistência.

O ponto de vista é essencial para que o texto ganhe mais ou menos credibilidade. Em geral, os textos apresentados em terceira pessoa são tidos como mais críveis; enquanto os textos em primeira pessoa são considerados tendenciosos. De toda sorte, há obras clássicas e memoráveis narradas em primeira ou terceira pessoa. A soma desses elementos leva o leitor para um mundo particular no qual entramos para nos desprender e ancorar a realidades que nos cercam.

A leitura de obras literárias deveria se pautar fundamentalmente pela liberdade; o gosto pela leitura se dá com o tempo e com a aproximação gradativa entre textos literários e leitores em potencial (de todas as idades); não há tempo certo para se tornar um leitor literário; esse é o tempo do encanto, da magia, do inusitado.

Frei Alexandre Carvalho, ssp é religioso paulino e doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Sua área de pesquisa volta-se para o estudo do personagem secundário, literatura infantojuvenil, distopia e literatura brasileira contemporânea. Ele atuou entre os anos de 2010 e 2020 como editor infantojuvenil da PAULUS Editora. Atualmente é professor pesquisador e vice-diretor da Faculdade Paulus de Comunicação (FAPCOM).

Educação

um ato de amor que humaniza

Fé, esperança e amor na formação integral do ser humano

Por: Maria Helena Marques

Em tempos marcados por profundas crises sociais, emocionais e educacionais, torna-se urgente uma educação que cultive a convivência, o diálogo e a sensibilidade. Vivemos em um mundo atravessado por tensões e desigualdades, no qual somos continuamente afetados — e também corresponsáveis —, pelos desafios da vida coletiva. Nesse contexto, educar ultrapassa a transmissão de conteúdos e assume o sentido de cuidado com o humano, com as relações e com a vida compartilhada.

Este artigo propõe uma reflexão sobre as virtudes fé, esperança e amor em diálogo com as forças do pensar, do sentir e do querer, integrando espiritualidade, filosofia, educação e biologia da convivência. Compreender essas virtudes não se limita a um exercício teórico ou religioso; trata-se de reconhecê-las como forças formativas capazes de sustentar uma educação comprometida com a formação integral do ser humano. Afinal, educar é, antes de tudo, um ato de amor que humaniza.

Diante disso, surge uma questão essencial à prática educativa: como fazer com que fé, esperança e amor se tornem forças reais no cotidiano da educação? Essa inquietação revela a necessidade de superar modelos que privilegiam exclusivamente o pensar racional, relegando o sentir a um lugar secundário. Pensar e sentir não são di-

mensões opostas, mas indissociáveis da experiência humana. É pelo sentir que primeiro tocamos o mundo; é ele que confere profundidade, significado e valor ao que vivemos.

Na Pedagogia Waldorf, desenvolvida por Rudolf Steiner, o ser humano é compreendido a partir da integração entre pensar, sentir e querer. O pensar orienta-se pela busca da verdade; o querer encontra direção na bondade; e o sentir procura harmonia e beleza. Quando o pensamento se isola, a vontade tende à paralisia; quando a vontade atua sem discernimento, corre o risco da impulsividade. O sentir, quando educado, torna-se espaço de escuta interior, no qual pensamentos e impulsos são integrados com consciência e responsabilidade. É nesse espaço que germinam o respeito, a compaixão e a ética que humaniza o agir.

Essa compreensão dialoga com a tradição cristã, na qual Paulo afirma que “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; mas o maior destes é o amor.”. Sem amor, as ações perdem sentido e tornam-se apenas ruído. Tal entendimento encontra ressonância no pensamento de Humberto Maturana, para quem o amor é a emoção que funda o social, pois possibilita o reconhecimento do outro como legítimo outro na convivência. Onde não há reconhecimento, não há vínculo, linguagem ou aprendizagem.

Embora provenientes de campos distintos, Steiner[1], Paulo[2] e Maturana[3] convergem ao afirmar que o humano se constitui na relação, no cuidado e no amor que orienta o pensar, o sentir e o agir. Nesse horizonte, a fé ilumina o pensar, a esperança sustenta o sentir e o amor funda o agir. Amar, assim, não é ideal abstrato, mas prática concreta que reconhece o outro, assume responsabilidade e promove transformação.

Formar sujeitos integrais implica investir na educação do sentir, reconhecendo que a racionalidade, sozinha, não sustenta uma vida ética e solidária. Nesse sentido, a educação encontra sua missão mais profunda: formar seres capazes de pensar com clareza, sentir com delicadeza e agir com amor, para que cada gesto, palavra e decisão expressem humanidade e contribuam ativamente para a construção de um mundo mais justo, fraterno e verdadeiramente habitável.

Maria Helena Marques é autora da PAULUS, professora e poeta. Graduada em Comunicação Social e Pedagogia, com pós-graduação em Educação da Infância e Filosofia. Atua na formação de educadores, com foco em valores humanos, ética e cidadania. Autora de Escola de Valor, Como Educar Bons Valores, Inquietações em Palavras, Um Deserto em Mim e O Abrigo do Silêncio. Atuou com projetos de Cultura de Paz (UNESCO), de Incentivo à Leitura (Fundação Bunge) e de Cidadania (Fórum da Cidadania). Na gestão pública de Santos, foi Coordenadora de Políticas Educacionais, Diretora do Departamento Pedagógico e Secretária Adjunta de Educação. Sua escrita e sua prática celebram o encontro, o respeito às diferenças e a potência de humanizar.

Livros que iluminam futuros na Amazônia

Por: Jenniffer Silva



Quem nunca, ao abrir um livro, imaginou uma luz surgindo silenciosa entre as páginas? A fantasia que desperta durante a leitura é parte essencial do encantamento literário, sobretudo para crianças e adolescentes. É como se cada frase acendesse um pequeno farol, revelando mundos inéditos e despertando emoções, curiosidades e aprendizagens que ultrapassam os limites do papel. Ler é, afinal, um chamado para explorar o desconhecido e descobrir, dentro de si, novas maneiras de ver e sentir a vida.

Movidas pelo desejo de encontrar novas histórias sobre o próprio Brasil, as amigas Sylvia Guimarães, Laís Fleury e

Maria Tereza Memberg decidiram partir rumo à maior região do país: a Amazônia Legal. Mais do que meras “exploradoras”, elas queriam semear um legado. Assim nasceu a ideia de levar livros e formar mediadores de leitura pelos caminhos que percorressem.

Em 2001, as três deram início a um projeto-piloto de incentivo à leitura no Pará. O sonho germinou e, no ano seguinte, elas embarcaram em uma jornada de dez meses pelos estados da Amazônia Legal, levando livros, encontros e formação para 53 comunidades rurais. Como um verdadeiro vaga-lume, a iniciativa iluminou, com palavras e histórias, os territórios por onde passaram.



“

O espaço de leitura não precisa ser fechado; pode estar perto, como acontece nas bibliotecas Vaga Lume: a mediação pode acontecer à beira do rio, debaixo da mangueira ou na casa dos mais velhos, que talvez não possam se deslocar até a biblioteca.”

Felipe Cincinato,
Coordenador de Comunicação
da Associação Vaga Lume

Cartas que pediam por mais histórias

De volta a São Paulo, as idealizadoras do projeto Vaga Lume alugaram uma pequena sala para servir de escritório. Ali, encontraram diversas cartas pedindo que retornassem à região amazônica, pois muitas outras comunidades desejavam ser contempladas com as bibliotecas.

“Desde 2001, atuamos promovendo o acesso ao livro e à leitura, direito de toda criança e adolescente, por meio da constituição de bibliotecas comunitárias como espaços de compartilhamento de saberes e valorização das identidades e culturas locais. Fazemos isso com o propósito de empoderar crianças e jovens, gerando autonomia para decidirem sobre seus próprios futuros”, destacou Felipe Cincinato, coordenador de comunicação da Associação Vaga Lume.

Atualmente, a Associação está presente em 23 municípios da Amazônia Legal e ajudou a formar 97 bibliotecas comunitárias. No centro da estratégia está a valorização da cultura local, por meio da elaboração de livros artesanais escritos e ilustrados pelos próprios moradores, a partir da escuta dos mais velhos.

Além disso, por meio do Programa Rede, promove-se um intercâmbio cultural que conecta adolescentes da Amazônia a jovens de outras regiões do Brasil e do mundo. Com a troca de cartas, histórias e experiências, eles se aproximam, quebram estereótipos e se reconhecem como protagonistas na defesa do meio ambiente.

“O hábito da leitura floresce em espaços onde crianças e adolescentes são protagonistas, onde há participação comunitária, acervo de qualidade e mediadores preparados para fazer a ponte entre o livro e o leitor sempre com afeto”, frisou Felipe.

A leitura abriu meus horizontes

Mais do que números, o acesso à leitura promovido pela Vaga Lume em comunidades ribeirinhas, rurais, beiradeiras, indígenas e quilombolas dos estados da Amazônia Legal representa também a criação de espaços de en-



contro, de valorização das identidades locais e de preservação de festejos tradicionais.

Entre os muitos relatos está o de Débora Fernanda, de 18 anos. Nascida no Quilombo Mirinzal, no Maranhão, ela aprendeu a ler aos três anos e, desde então, nunca se afastou dos livros. Hoje, além de voluntária da Associação, cursa Direito na Universidade Federal do Maranhão.

“A biblioteca foi um divisor de águas na nossa comunidade. Além de um espaço de leitura, tornou-se um lugar de manifestação cultural. A leitura abriu meus horizontes e me mostrou que era possível sonhar mais alto”, afirmou a estudante.

Ela também recorda com carinho a confecção de livros artesanais, atividade que, segundo ela, foi uma oportunidade de se reconectar “com a nossa história e tradições, e também de me autodefinir enquanto quilombola. Foi um aprendizado profundo, que me deu orgulho da minha identidade e da minha comunidade”.

O desejo que nasce da comunidade

Acreditamos que uma biblioteca nasce, primeiro, do desejo da própria comunidade em receber um espaço de leitura. O hábito leitor precisa ser incentivado desde cedo, e, para isso, crianças e adolescentes devem ter acesso a livros literários diversos e de qualidade, que dialoguem com suas realidades”, comentou o coordenador de comunicação ao reforçar que a concepção de

bibliotecas é uma das estratégias mais eficazes para aproximar as crianças do livro.

Segundo ele, é preciso desconstruir a imagem tradicional de um lugar silencioso e distante. Para Felipe, o que deve prevalecer é o sentimento de pertencimento:

“O espaço de leitura não precisa ser fechado; pode estar perto, como acontece nas bibliotecas Vaga Lume: a mediação pode acontecer à beira do rio, debaixo da mangueira ou na casa dos mais velhos, que talvez não possam se deslocar até a biblioteca”, completou.

Assim, a Associação segue trabalhando para construir um Brasil mais leitor, onde os livros se tornem, de fato, a melhor companhia desde os primeiros

Desde 2001, a Associação Vaga Lume já impactou mais de **111 mil crianças e jovens**. Ao todo são:



195 mil
livros distribuídos;



6,4 mil
mediadores de
leitura formados;



289
livros artesanais
produzidos;



800
voluntários;



23
municípios
contemplados.

PAULUS LIVRARIA:

*espaço que
semeia
conhecimento
e projeta o
amanhã*



Quando o Bem-Aventurado Padre Tiago Alberione fundou, em 1914, a PAULUS, tinha como propósito central contribuir com as transformações de cada tempo à luz do Evangelho.

Tendo a imprensa como principal ferramenta naquele contexto, o religioso compreendia que os livros seriam um sinal visível do cumprimento dessa missão. Ainda assim, reconhecia que nada faria sentido se, para além dessas páginas, não se encontrassem vidas e histórias reais.

Por isso, estabeleceu como princípio que as livrarias, onde os livros seriam disponibilizados, não deveriam ser vistas apenas como pontos

de venda. A proposta de configurá-las como espaços de apostolado evidenciava uma diretriz clara: nelas se encontra um ambiente propício para a realização da missão de evangelizar e difundir a fé cristã, fundamentada no envio de Jesus aos seus discípulos.

Uma missão que se enraíza no Brasil

Com o ideal de “falar de tudo cristãmente”, a PAULUS chega ao Brasil em 1931, quando realiza sua primeira grande impressão. Sete anos depois, inaugura a primeira livraria no País, na cidade do Rio de Janeiro. Esse encontro, no entanto, não se res-

tringiu a uma região específica. Hoje, a presença se estende por 38 livrarias físicas distribuídas pelo território nacional, além de uma atuação digital consolidada, que amplia o alcance e supera as barreiras geográficas.

Em diferentes cidades, as livrarias se afirmam como espaços de promoção cultural, capazes de favorecer encontros e partilhas que transformam clientes em parceiros. Muitas dessas unidades celebram, em 2026, aniversários jubilares.

Para marcar a ocasião, a revista Páginas Abertas reúne depoimentos de pessoas que integram essas trajetórias e testemunham, em seu cotidiano, o cuidado apostólico presente em cada PAULUS Livraria.



PAULUS Livraria de Juiz de Fora

45 anos | Fundação 08/09/1981

A PAULUS Livraria, para mim, nunca foi apenas um espaço de compra de livros; é um lugar de encontro. Encontro com a Palavra, com a tradição da Igreja e, sobretudo, comigo mesma diante de Deus.

Em um mundo marcado pela pressa e pela superficialidade, a livraria se mantém como um território de silêncio profundo, onde o pensamento cristão é cultivado com propriedade. Cada obra carrega ali não apenas conhecimento, mas direção espiritual. São livros que não apenas informam, mas formam, corrigem, consolam e, muitas vezes, nos confrontam.

Frequentar a PAULUS Livraria de Juiz de Fora significa retornar ao essencial. É onde encontro os fundamentos da fé, amadureço a consciência e fortaleço a vida interior. É um lugar que me recorda que a sabedoria não está no acúmulo, mas na integração entre fé, razão e vida.

Daniele Pereira Paiva, advogada

PAULUS Livraria de Ribeirão Preto

40 anos | Fundação: 21/10/1986



40 anos não são 40 dias. Sabemos que o número 40 na Bíblia tem um significado todo especial. Uma geração, um tempo, uma vida, um momento de lutas, de transformação, de crescimento. Uma vida, uma história, quatro décadas sendo luz, fé e cultura, como um oásis de conhecimento espiritual no centro da cidade de Ribeirão Preto.

Agradeço a Deus pela dedicação e perseverança da PAULUS em espalhar, levar a Palavra de Deus, além de toda literatura edificante, transformando vidas e sendo um ponto de encontro acolhedor, sendo de certa forma colaboradora com a Igreja em sua missão evangelizadora.

Que o Senhor os abençoe hoje e sempre, cada dia mais, e nos ajude com sua missão evangelizadora, a completarmos também a nossa missão com sabedoria e conhecimento espiritual.

*Diácono Valter Jaime, mestrando em Direito Canônico,
Juiz do Tribunal Eclesiástico de Ribeirão Preto.*

PAULUS Livraria de São José do Rio Preto

35 anos | Fundação 19/02/1991

Sou católico desde que nasci e nunca me afastei da Igreja. Desde cedo, graças à catequese de minha avó e de minha mãe, desenvolvi um grande apreço pela literatura católica. Conheço a PAULUS há muitos anos e, para mim, ela vai muito além de uma editora e livraria: é um espaço de meditação, amizade e acolhimento.

Sou admirador da equipe da PAULUS Livraria de São José do Rio Preto, que frequento com alegria, e construí uma biblioteca repleta de obras da editora, organizadas com carinho por temas. A variedade de títulos e a qualidade das publicações sempre me impressionaram, mas o que mais valorizo é o atendimento humano e afetuoso que recebo dos funcionários, que hoje considero grandes amigos.

À PAULUS e a todos que fazem parte dessa história, deixo meu sincero agradecimento.

Marcos Vinicio Mena, professor de Português, Francês e Filosofia.



PAULUS Livraria de Porto Alegre

25 anos | Fundação 04/04/2001

Tanto a PAULUS Editora quanto as Livrarias PAULUS têm a nobre missão de evangelizar por meio da divulgação da Bíblia Sagrada e também de novas edições de livros voltados à evangelização. Além disso, a unidade de Porto Alegre oferece cursos sobre a Palavra de Deus, ministrados por um sacerdote altamente qualificado, inclusive com formação em Roma. Isso enriquece espiritualmente os participantes, que se sentem, de algum modo, saciados em sua sede de Deus.

A equipe de colaboradores é muito simpática e acolhedora. Como cliente, sinto-me muito à vontade no ambiente.

Que a PAULUS tenha sempre muito sucesso, para que continue divulgando os ensinamentos de Jesus Cristo ao povo de Deus.

Muito obrigada. Gratidão!

Erotildes Oliveira, autora





PAULUS Livraria de Sorocaba

10 anos | Fundação: 08/12/2016

A PAULUS Livraria de Sorocaba, próxima da comunidade, representa fidelidade e confiança para a evangelização. Os produtos são pensados com cuidado para que as atividades pastorais sejam desenvolvidas de modo organizado.

Padre Eraclides Reis Pimenta, sdb

PAULUS Livraria de Belo Horizonte

30 anos | Fundação 16/05/1996

Nós somos há quase 26 anos do Grupo Ruah e nos inspiramos no método “Leitura Popular da Bíblia” desenvolvido pelo CEBI (Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos) em Minas Gerais. Encontramos na PAULUS de Belo Horizonte a acolhida de que precisamos para nossos encontros de estudo. Realizamos Seminários e eventos contando sempre com seu valioso apoio e parceria. O carinho com que somos recebidos ali nos dá a certeza de que estamos juntos no caminho da comunicação da Palavra e da construção do Reino sonhado por nosso Deus-Pai-Mãe. Somos muito gratos, na pessoa do Robson e seus funcionários, por essa colaboração, sem a qual não realizaríamos nosso objetivo. Deus lhes pague!

José Rafael de Araújo - 82 anos - Engº Eletricista Aposentado



PAULUS Livraria de São Luís

20 anos | Fundação 30/10/2006

Celebrar duas décadas de presença em São Luís é um marco que merece ser comemorado com júbilo. Como cliente da PAULUS, afirmo que esta casa sempre foi muito mais do que uma livraria católica: é um verdadeiro refúgio de conhecimento, cultura e espiritualidade no centro histórico da capital maranhense. Guardo com carinho as primeiras visitas, quando buscava livros de teologia, bíblias de estudo e tantas outras obras, pois sempre fui um leitor ávido de tudo o que diz respeito à Santa Igreja Católica. Mais do que os livros, encontrei ali um ambiente de paz e acolhimento.

Ao longo desses 20 anos, a PAULUS São Luís consolidou-se como referência para a comunidade. Seus colaboradores sempre se destacaram pela educação, prontidão e pelas sugestões preciosas que enriqueceram minha biblioteca e minha fé. Esse diferencial na acolhida, na escuta atenta e na indicação de leituras mostra que, mais do que comercializar livros, a PAULUS proporciona experiências.

Mesmo com a mudança para um novo endereço, manteve sua essência: ser um espaço onde comunicação, evangelização e cultura se encontram. Com o tempo, construí amizade com os colaboradores e participei de muitos eventos, vivenciando uma das marcas mais bonitas da PAULUS São Luís: a fraternidade. Ali, não existe apenas a relação entre livraria e cliente, mas amizade, atenção e carinho.

Parabéns, PAULUS São Luís, pelos 20 anos de dedicação na bela Atenas Brasileira. Que venham muitas outras décadas de luz, conhecimento e evangelização para o nosso povo.

Lourival Godinho da Silva Júnior - Advogado



PAULUS SOCIAL

A fé transformada em ação.

Por meio da convivência e do fortalecimento de vínculos familiares, a PAULUS Social busca a promoção humana e o desenvolvimento social, cultural e educacional.



CONVIVÊNCIA



VÍNCULOS



EDUCAÇÃO

Conheça nossa atuação:

paulus.com.br/assistencia-social



**PAULUS
SOCIAL**

Uma vida dedicada a ensinar

Entre histórias que vem de família, desafios e conquistas em sala de aula, Vânia Stella Abrantes transformou o ensinar em missão e legado que atravessa gerações.



Por: Jenniffer Silva

A tabuada, aquela tabela que organiza os resultados das quatro operações matemáticas básicas, foi, para ela, o maior desafio da infância. Esse cenário começou a mudar quando a avó passou a se dedicar diariamente ao ensino da técnica. Com firmeza e afeto, os “problemas” que antes pareciam insolúveis passaram, gradualmente, a revelar um caminho possível.

Para a professora Vânia Stella Abrantes, 49 anos, a educação teve início ainda no ambiente familiar. A mesma avó que se empenhava em lhe ensinar os números também contava histórias antes de dormir e foi responsável por sua alfabetização.

A avó, no entanto, não estava sozinha nesse percurso. O avô paterno também desempenhou um papel fundamen-

tal ao lhe transmitir a importância da leitura e da escrita. Fundador de um clube de poesia em Santos, no litoral de São Paulo, escrevia para o jornal A Tribuna e atuava como jornalista e professor.

“Minha avó gostava de contar histórias e, todas as noites, cantava para mim e para minha irmã. Havia ali um cuidado que ia além do ensinar. Hoje sei o quanto era um gesto de amor diário. Meu avô sempre me incentivou a fazer boas escolhas literárias. Com ele, aprendi o amor pelo educar, mesmo sem ter consciência, à época, do que estava recebendo. Hoje entendo que, desde cedo, eles me ajudaram a me formar como pessoa e professora e me conduziram por esse caminho”, recordou.

Amor e presença

Em 1994, Vânia iniciou sua trajetória como professora. Foi no cotidiano da sala de aula que compreendeu não ter escolhido apenas uma profissão, mas assumido uma missão para conduzir a própria vida.

“Foi acompanhando o desenvolvimento dos alunos que compreendi a profundidade do meu papel. Ver cada criança evoluindo, aprendendo, modificando comportamentos e refletindo sobre suas próprias atitudes foi o que mais me marcou. A transformação não era apenas acadêmica, mas humana. Fui entendendo que educar também é um chamado, uma forma concreta de servir ao outro com responsabilidade, amor e presença”, afirmou.

Para muitos, desafio; para ela, encantamento

A sala de aula sempre representou, para Vânia, um espaço de superação de dificuldades. É justamente isso que mais a encanta: ver os alunos aprendendo e conseguindo aplicar aquilo que foi construído.

Apesar de já ter trabalhado com diferentes faixas etárias ao longo de sua trajetória, sua maior experiência e identificação é com alunos do 5º ano. Uma fase que, segundo a professora, é considerada por muitos como a mais desafiadora, mas que, para ela, é a que mais desperta energia e entusiasmo.

“Trabalhei com alunos com diferentes dificuldades e acompanhar cada conquista, por menor que pareça, sempre teve um valor enorme. Ver um aluno superar os desafios e acreditar em sua capacidade é uma das maiores recompensas da docência. São nesses momentos que percebemos a ação de algo maior, que ultrapassa o nosso próprio esforço”, afirmou.

Lançar as sementes

Assim como no cultivo, em que é preciso paciência para ver as sementes germinarem, a educação segue esse mesmo ritmo. A professora recorda, com

carinho, os reencontros que teve com ex-alunos ao longo dos anos.

Embora não destaque um episódio específico, ela reconhece que foram muitas as experiências que contribuíram para a construção de sua prática docente.

“Essa resposta veio com o tempo. Anos depois, fui encontrada por ex-alunos nas redes sociais. Recebi mensagens muito carinhosas, nas quais diziam que fui referência em suas vidas, que ajudei a transformar a forma como pensavam e que até minhas músicas e meus ‘puxões de orelha’ fizeram diferença em suas trajetórias. Esses reencontros foram, para mim, sinais claros de que plantei a semente certa”, relatou.

É por isso que os momentos mais marcantes de sua trajetória estão ligados ao reconhecimento. Receber mensagens de alunos já formados, muitos deles especialistas em suas áreas, é algo que a emociona. Esses retornos indicam que o que foi vivido em sala de aula ultrapassou o tempo e deixou marcas duradouras.

“As mensagens de carinho que recebo dos alunos e das famílias mostram que os vínculos construídos vão além da sala de aula. São frutos de uma relação baseada no cuidado, no respeito e na presença”, afirmou.

Desafios e transformação

Os desafios sempre fizeram parte de sua trajetória e foram determinantes na construção de sua identidade como educadora. Ao longo dos anos, Vânia acompanhou as mudanças na educação, especialmente com o avanço das tecnologias, a necessidade de fortalecer a

parceria com as famílias e o compromisso de atender às diferentes potencialidades dos alunos.

“Um dos maiores desafios atuais é ensinar uma geração que tem acesso imediato à informação, mas que muitas vezes busca respostas rápidas, sem profundidade. Isso me exigiu uma nova postura: usar a tecnologia a favor do pensamento crítico e da autonomia, além de orientar sobre o uso responsável”, explicou.

Um compromisso para sempre

Com mais de 30 anos em sala de aula, Vânia afirma que nunca pensou em desistir da profissão, pois sempre teve convicção de que ensinar faz parte de sua missão de vida.

“O que me sustenta é a certeza de que estou servindo ao outro por meio da educação. Saber que posso contribuir para a formação integral de uma criança é o que me move. A educação transformou minha forma de ver o mundo e as pessoas e me abriu muitas portas. Aprendi a escutar mais, a ter mais paciência e a compreender melhor o outro”, destacou.

Entre as lembranças mais simbólicas de sua trajetória, Vânia guarda o anel que pertenceu à avó, recebido no dia de sua formatura. A joia, que a avó ganhou ao concluir o curso normal, tornou-se um elo entre gerações e um marco afetivo de sua escolha profissional. Ela o conserva com orgulho, como sinal de uma missão que foi despertada ainda na infância.



OS CLÁSSICOS

que marcaram gerações também
estão na PAULUS.



ESCOLHA O PRÓXIMO CLÁSSICO
DA SUA ESTANTE

Grandes autores. Histórias eternas.

Edições especiais da coleção
Nossa Literatura para quem
acredita que um livro nunca
perde seu valor.



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f i x @editorapaulus



**COMPRE
AGORA**

*A vida é**rio**Por: Antonio Iraldo Alves de Brito*

Todos temos um rio que banha a nossa infância e marca a nossa existência. Ele não é apenas um fluxo que percorre montanhas, vales e planícies em direção ao mar; é o sangue da terra que se mistura ao nosso. Para mim, esse rio é o Riacho do Faé, um pequeno fio entre Acopiara e Quixelô, cidades do centro-sul cearense. Hoje, ele pode parecer apenas uma cicatriz que supera as agressões do tempo e da insensibilidade humana, mas, para quem habitou suas margens, o Faé é um oceano de memórias que o estio mais severo não consegue apagar.

Ele carrega o peso e a força da ancestralidade. Os antigos habitantes dessas terras sabiam que, onde há água, há o espírito pairando (Gn 1,2). O Faé nasce do coração do sertão com essa marca de resistência, sendo o fio de vida que costura as comunidades e alimenta a esperança do povo da região.

Como um leito seco, ele sabe esperar o período chuvoso para movimentar-se em generosidade. Lembro-me

de quando o céu, de um azul intenso — como só o Ceará sabe ter —, metamorfoseava-se em chumbo. O cheiro de terra molhada anunciava o milagre: “O Faé desceu!”. Era um evento sagrado. Correr para a beira era ver a existência retomando seu trono: a água barrenta trazendo galhos e a promessa de que a caatinga, de mata branca, se vestiria de verde intenso.

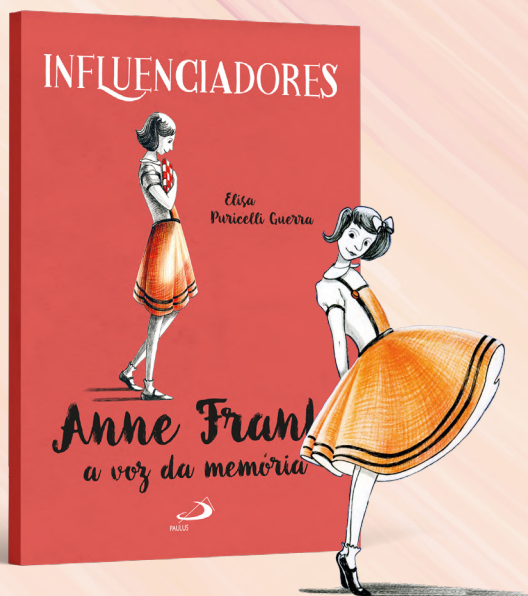
Na infância, o riacho era o nosso mestre de cerimônias. As lavadeiras transformavam as pedras em altares de confissões, enquanto nós, meninos, éramos navegantes de pés descalços, pescando piabas que brilhavam como moedas sob o sol. Com o tempo, o destino desse manancial ganhou uma nova dimensão com a construção do Açude Angico. Agora, as águas que descem o leito encontram um porto de acolhimento. O Angico abraça o Faé, transformando a transitoriedade da cheia em permanente. O que antes era apenas passagem tornou-se repouso e sustento; o pequeno rio agora sabe que será guardado no ventre da represa, garantindo que o verde resista mesmo

quando a chuva “se faz de rogada”.

O valor de um rio na vida de uma pessoa não se mede pelo volume de sua correnteza, mas pela profundidade com que ele habita nossa alma. Quando o inverno é farto e o Faé desce com vontade, o sertanejo apura o ouvido para a música das águas. É o momento em que o coração bate no ritmo da parede do açude: ele sangra.

Para o sertanejo, o açude não apenas transborda; ele sangra, numa entrega generosa que lava a nossa alma e faz a vida se derramar sobre o sangradouro, seguindo o seu destino. É a redenção em forma de cascata. Cada um de nós carrega um rio. O meu é o Faé, que hoje cintila sob o sol de Quixelô, lembrando-me de que também sou correnteza. Levamos dentro de nós a força de um fluxo que, mesmo diante das paredes da vida, faz a esperança transbordar e sangrar alegria. A vida é um rio.

Padre Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp,
é Religioso Paulino, Doutor em Comunicação,
Semiótica, professor, poeta e editor.



Anne Frank: A voz da memória

“Ora (direis) ouvir estrelas! Certo Perdeste o senso!”
E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto E abro as
janelas, pálido de espanto...

(Olavo Bilac, Via Láctea)



O poeta via o amor como chave para perceber o mundo. Anne Frank tinha fome de luz e ar. Ela ouvia estrelas; ela sentia o vento na roupa de quem vinha de fora, enquanto espiava a vida pela fresta de uma janela. O que Anne Frank e Olavo Bilac tinham em comum? A esperança.

Anne Frank marcou a história da humanidade com uma caneta e um diário. Com suas mãos de menina, ela nos faz pensar: como fomos, um dia, capazes de tanta crueldade?

O livro Anne Frank: A voz da memória propõe uma nova perspectiva para o que foi registrado em seu diário e, com sutileza, provoca curiosidade e espanto no leitor. A história deve ser conhecida para que o horror do Holocausto não se repita.

A autora descreve fatos dolorosos e complexos com rigor e delicadeza, sem deixar de ressaltar as belas descobertas e desafios de uma adolescente. Anne Frank representa a visão

vivencial da intolerância.

Elisa Puricelli Guerra imprime em sua obra o papel primordial da literatura: provocar a reflexão e a empatia. Com uma narrativa que abraça o leitor, o livro confirma que os verdadeiros influenciadores são aqueles que impactam o mundo com modelos positivos de vida e descoberta. É o encantamento e a força da literatura transformados em experiência humana.

Ler histórias como Anne Frank: A voz da memória é um convite para acreditarmos no altruísmo que persiste em morar em cada um de nós. Apesar das guerras, podemos ter poesia no olhar, assim como Anne tinha e deixou registrado em seu diário.

Ela queria ser escritora, mas queria, acima de tudo, viver. Como ressalta a autora: “A vida é bela para ser vivida, além de ser escrita”. A esperança coloria os seus dias cinzentos: “De vez em quando eles riem. Ficar sempre triste e suspirando não melhora as coisas, não é?”.

E quando não podia mais frequentar a escola, ir ao cinema, ao parque ela entendeu que: “A página em branco é seu único espaço de liberdade, o gramado onde pode se divertir em mil saltos”.

Anne viveu 761 dias presa em um esconderijo, e seu diário nos deixou um precioso testemunho de luta, esperança, e a certeza de que o amor deve ser o maior influenciador e veículo da paz.

Anne Frank: A voz da memória certamente promoverá um bonito encontro entre a trajetória dessa figura tão importante para o mundo e o leitor.

Afinal, a missão da literatura é unir as pessoas e ampliar as fronteiras do nosso entendimento.



Andréa Avelar é formada em Jornalismo e Comunicação Social e pós-graduada em Gramática e Texto. Escritora e poetisa, dedica-se à produção cultural voltada à infância, com a criação de músicas, peças teatrais e poesias baseadas em suas próprias obras. Pela PAULUS Editora, publicou o livro *O quintal de Aladim*, indicado pela Organização das Nações Unidas, por meio do escritório da Agência da ONU para Refugiados no Brasil, como uma obra recomendada para abordar o tema dos refugiados com crianças. Outros títulos de sua autoria foram selecionados por programas governamentais de incentivo à leitura, entre eles o “Minha Biblioteca”, da cidade de São Paulo, além de iniciativas em Belo Horizonte e Fortaleza. Para a autora, a música e a literatura caminham juntas na missão de tocar as pessoas e promover experiências que contribuam para a felicidade.

De Norte a Sul do Brasil, a
PAULUS Livraria
está perto de você!

Com

39
livrarias

presentes em todas as regiões do país e uma loja virtual completa, a **PAULUS Livraria** aproxima leitores de conteúdos que evangelizam, formam e inspiram.



Visite uma **PAULUS Livraria** ou acesse nossa loja virtual.



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f i x @editorapaulus



**VISITE NOSSAS
LOJAS**